



Mundaréu

Série Conexão

Episódio #5 - INFORMAÇÃO: Tecnologias comunitárias

Roteiro: Irene do Planalto Chemin, Kauan da Silveira Aristides e Geovana Luna dos Santos

Audiodescrição das músicas: Veronica Martins da Silva

Revisão da transcrição: Irene do Planalto Chemin

Legenda:

Blocos

Trilha sonora

Bloco 1: Apresentação

[Música tema “Conexão Ancestral”: trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas. A música inicia em evidência e depois fica ao fundo das primeiras falas do episódio]

[som de notificação ao entrar em uma chamada de vídeo]

GEOVANA: Oi, tá conectado com a gente?

KAUAN: Sim, eu tô on!

[efeito sonoro de xilofone que traz um ambiente de curiosidade]

GEOVANA: Vamos fazer uma charada. Eu vou te passar agora três pistas pra você desvendar uma cena, pode ser?

KAUAN: Vai, manda aí.

GEOVANA: Pista 1: luz. Pista 2: enquadramento. Pista 3: clique.

KAUAN: Hum... luz.. enquadramento.. clique... É uma fotografia? [som de celular tirando foto]

[Música tema “Conexão Ancestral”]: trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas.]

GEOVANA: Boa! Você acertou rápido hehehe. Hoje a gente vai falar sobre fotografia. Mas não só sobre selfie com filtro, a gente vai conversar sobre como a fotografia é uma tecnologia que pode ser usada de forma comunitária, pra contar histórias, registrar lutas e fortalecer nossa visão de mundo.

KAUAN: Massa, registrar lutas tipo... fotos de protesto?

GEOVANA: Isso! Mas não só. Fotografia pode ser memória da quebrada, denúncia de injustiça, arte coletiva, elevação de autoestima. Tudo depende de como a gente usa.

[efeito sonoro de xilofone que traz um ambiente de curiosidade]

KAUAN: Então vai, minha vez de fazer uma charada. Pista 1: gratuito. Pista 2: aberto. Pista 3: modificável.

GEOVANA: Vish, que difícil. Hum... sei lá, futebol? [ambientação sonora de partida de futebol] Uma partida de futebol aqui do bairro, qualquer um pode entrar porque é de graça, aberto, mas sempre é modificável o time e tal.

KAUAN: Hahahaha boa tentativa. Mas não [efeito sonoro de desenho animado que remete a decepção], a resposta não é futebol e sim software livre [efeito sonoro de poder mágico]. Você sabe o que é isso?

[Som do droid R2D2, personagem dos filmes Star Wars]

GEOVANA: Eu lembro que a gente falou sobre isso lá no episódio #2 da nossa série, sobre algoritmos, aí falamos sobre o que é software, essa parte lógica das tecnologias digitais. Mas software livre eu não sei o que é.

[Música tema “Conexão Ancestral”: trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas.]

KAUAN: Então fica com a gente nesse episódio que você vai descobrir. Eu sou o Kauan, tenho 17 anos, tenho pele parda, cabelo ruivo cacheado, tô quase completando o ensino médio e minha matéria preferida é Português. Sou um dos pesquisadores do Projeto de Iniciação Científica Nível Ensino Médio, vinculado ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp.

GEOVANA: E eu sou a Geovana, tenho 16 anos, sou uma garota de pele parda e cabelo cacheado longo e preto, também sou pesquisadora do projeto, tô no 2º ano do ensino médio e minha matéria preferida é Matemática. Você tá escutando o último episódio [som de plateia triste] da série Conexão [efeito sonoro de choque e de plug-in], do podcast Mundaréu.

KAUAN: As charadas que a gente fez no início eram pra gente pensar na relação entre dado [efeito sonoro de checklist], informação [efeito sonoro de checklist] e conhecimento [efeito sonoro de checklist]. As pistas eram os dados, que juntos geram a informação. Se o conhecimento for um superpoder [efeito sonoro de poder mágico], a informação são as habilidades e os dados são as ferramentas.

GEOVANA: Se você tiver várias ferramentas mas não tiver as habilidades para usá-las, elas se tornam inúteis. Mas, uma vez que você desenvolve as capacidades necessárias para usá-las, você obtém conhecimento e se torna poderoso.

Bloco 2: Tecnologias comunitárias e fotografias

[Música tema “Conexão Ancestral”: trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas.]

KAUAN: Nessa busca por conhecimento, falamos com a Isabella Aparecida, carinhosamente chamada de Cida.

CIDA: Boa tarde, salve, salve para quem está ouvindo. Prazer em estar aqui, obrigada pelo convite. Eu fico muito feliz e muito honrada de ver vocês chegando agora e já estarem nesse intuito, né? Eu me reconheço muito porque eu me vejo muito quando eu era mais jovem também nesse no médio, assim, me vejo muito em vocês. Eu me chamo Isabela Aparecida. Eu tenho 23 anos, sou natural do Jardim Cocaia, Guarulhos. É, eu sou uma mulher negra de pele clara. Eu tenho um cabelo curto, assim um castanho escuro, cacheado, nariz fino e uma boca média.

GEOVANA: A Cida é fotógrafa, multiartista, estuda Ciências Sociais, faz parte da Casa de Cultura Tainã, do Núcleo de Consciência Negra da Unicamp, da Linha de Pesquisa Hip-Hop em Trânsito, ela faz muita coisa legal!

KAUAN: Matéria preferida no ensino médio?

CIDA: Eu gostava muito mesmo de história, assim, era minha matéria favorita. E gostava muito mesmo de artes também. Sociologia também, mas História sempre foi a minha matéria favorita.

KAUAN: Pedimos pra Cida nos contar sobre as tecnologias que ela vivencia nos espaços que ela frequenta.

CIDA: Eu me vejo uma pessoa em espaços altamente tecnológicos, né? Mas não só no sentido do que a gente tá acostumado a pensar tecnologia, né? O início de tudo isso é a gente começar a desconstruir o que que é tecnologia para a gente, né? Porque a gente começa a pensar a tecnologia enquanto esses aparelhos, né, essas Big Techs, que são essas grandes empresas privadas, que têm o domínio dessa tecnologia mais comercial e que passa para a gente que tecnologia é isso, né? Então, quando a gente pensa em tecnologia, a gente pensa em coisas que são completamente inacessíveis para a gente, né? Que são coisas que são muito abstratas e que parece que a gente nunca vai ter acesso. Então acho que o primeiro passo é a gente começar a desconstruir mesmo o que que é tecnologia para a gente.

KAUAN: Cida foi explicando pra gente que geralmente o que a gente considera como tecnologia, são coisas que a gente compra, e não coisas que a gente faz.

CIDA: Então, existem várias coisas que são tecnologias e a gente está perdendo a noção disso porque é vendido para a gente o que que é uma tecnologia comercial, né? Uma tecnologia imperialista, uma tecnologia colonizadora. Porque essas essas outras tecnologias, elas são criadas justamente para oprimir outras pessoas, né?

GEOVANA: Isso que a Cida disse é muito importante, então vamos entender melhor. A gente sabe que o Brasil e muitos outros países no mundo foram colonizados, na América Latina, na África e Ásia. Já estudamos a época da colonização, onde as pessoas trabalhavam de forma forçada, sem escolha, chamado de trabalho escravo, né? Esse trabalho foi a base para que muitas riquezas aqui do Brasil fossem levadas para a Europa, e isso aconteceu em vários lugares.

KAUAN: Esse acúmulo de riquezas ao longo de muitos séculos, na Europa e nos Estados Unidos, foi o que possibilitou o desenvolvimento de várias tecnologias colonizadoras, que controlam e forçam as pessoas a trabalharem e viverem em prol de lucro. Após o período colonial, veio o imperialismo, e as coisas não mudaram muito: os países mais ricos exploram os outros.

GEOVANA: Com as guerras entre países, veio também o investimento em tecnologias de guerra, tecnologias imperialistas e feitas para controlar e até mesmo pra matar. O Wifi e o GPS foram criados na época da Segunda Guerra e na Guerra Fria pra controlar mísseis e foguetes espaciais [som de foguete espacial decolando].

KAUAN: Enfim, é muita história né.. Mas é importante a gente entender que, até hoje, existe uma divisão mundial de trabalho. Novamente, o exemplo do celular: empresas como a Apple e Microsoft, dos Estados Unidos, fazem a idealização dos celulares e dos softwares. Aí essas empresas precisam comprar minérios como, Silício e Lítio, que são extraídos de países explorados, como o Brasil. Esses minérios vão para fábricas de montagem de celulares na China, onde o trabalho é barato. Por fim, os celulares prontos vão para os Estados Unidos, ganham a marca da empresa e são distribuídos para o mundo todo, inclusive pra gente, de onde saiu o minério.

CIDA: Pra a gente ter um celular hoje, existem vários componentes dos celulares que são retirados de continentes africanos, do continente africano, né, de países africanos, que envolve um processo produtivo de exploração, de escravização e que isso é muito sério, tá ligado? Então, várias das coisas que a gente que tem nessas tecnologias mais atuais, elas passam por esse processo produtivo que também oprime o nosso povo, sem pensar nas tecnologias que elas foram criadas justamente com esse com essa finalidade também. Então, vamos pensar uma bomba atômica, por exemplo, tá ligado? Tipo assim, ela foi criada com esse objetivo de oprimir e um outro povo, né?

[Música tema “Ameaça”: a música traz um clima sério e tenso. Som sintético de piano na melodia, com poucos toques que se reverberam em um eco profundo, acompanhado de kalimba que faz a batida constante e leve]

KAUAN: A primeira bomba atômica foi criada durante a Segunda Guerra Mundial, nos Estados Unidos, e foram usadas em combate contra o Japão, em Hiroshima e Nagasaki, levando a mais de 200 mil mortos. Isso é um exemplo muito triste de como a ciência e a tecnologia podem ser usadas para fazer coisas horríveis, em busca de poder.

GEOVANA: Mas a gente pode pensar no caso do celular, que parece uma tecnologia inofensiva, apenas de entretenimento e comunicação pessoal. Mas muitos pesquisadores defendem que os celulares na verdade implantam uma lógica de controle e comando nas nossas vidas.

KAUAN: Estamos sempre entregando a nossa localização, nossos dados, nossas imagens, nossas memórias, para as empresas que nos vendem esses aparelhos.

GEOVANA: Por outro lado, a Cida traz pra gente as tecnologias comunitárias, tecnologias de existência e resistência.

CIDA: E aí eu vejo as tecnologias como essas inovações justamente comunitárias e feitas também para a gente existir, né? Tecnologias de existência e de resistência também, pensando nos espaços que a gente ocupa. Então o que que é uma tecnologia de resistência?

KAUAN: Um dos exemplos que a Cida nos deu foi da fotografia.

CIDA: A fotografia é arte do registro. Então, as nossas comunidades elas sempre historicamente registraram o nosso processo, seja através da oralidade, seja através da pintura rupestre, seja através da escrita, da arte, enfim... Mas eu acho que a gente tem retomado a fotografia enquanto um processo comunitário e isso tem sido muito importante porque a fotografia ela mobiliza a memória, né? Então eu acho que a fotografia, ela é uma é uma grande ferramenta de articulação de memórias e aí a gente tem retomado ela enquanto uma tecnologia comunitária, né? Eu particularmente me sinto muito sortuda de ter isso em família, sabe? Na minha vida, a fotografia é uma das principais ferramentas de tecnologias comunitárias, de articulação de memória, articulação de afeto e assegurar também os nossos processos, né?

GEOVANA: Quando as primeiras câmeras fotográficas surgiram, apenas as classes brancas e ricas podiam ter acesso a uma tecnologia dessas e os povos negros e indígenas, por muito tempo, foram alvo de uma exposição forçada sem direito à privacidade e consentimento.

CIDA: Então, quantos dos nossos ancestrais eles tiveram direito a memória, né? Eu não tenho uma foto da minha tataravó. E é isso, né? Esse é um processo muito doloroso também, um processo muito violento e a fotografia ela foi garantida apenas uma parte da população por muito tempo, né? **Que é essa população branca, de classe média alta, que consegue registrar as memórias dela a partir da fotografia. Então, quando a gente não tem a memória, né, um povo sem memória é um povo sem história, né? Porque a memória ela é muito importante para a gente entender o nosso futuro, né?**

[Música tema “Conexão Ancestral”: sequência melódica rítmica conduzida por um congo, trazendo uma influência afro-latina. Diferentes tons de percussão criam uma melodia instigante e profunda]

KAUAN: **No primeiro episódio da nossa série, comentamos que existem várias formas de contar histórias e a fotografia não podia ser diferente.** Através dela conseguimos guardar lembranças, momentos e emoções que foram importantes para a gente. É uma forma de registrar e manifestar a nossa história no mundo.

CIDA: Eu acho que a fotografia, ela é um é um é uma grande tecnologia de comunicação, né? Principalmente dessas pessoas que foram silenciadas a vida inteira. Então, eu acredito que a fotografia para mim, ela é é a minha forma de comunicação sem necessariamente precisar usar palavras, sabe? Poder dar rosto para essas pessoas que foram silenciadas,

né? Foram apagadas. Então você consegue dar um rosto hoje em dia, você não precisa mais contar a história de uma pessoa, sem necessariamente mostrar o rosto dela. A gente tá tendo o direito de mostrar nosso rosto, de mostrar que a gente tem história, que a gente é bonito, que a gente é inteligente, que a gente é interessante, sabe? E é um processo de recuperação de autoestima, né?

GEOVANA: Com cada vez mais acesso à informação e diferentes maneiras de se comunicar, a autoestima tem um papel importante na força da nossa palavra e a confiança que temos em nós mesmos.

KAUAN: Não é de hoje que as redes sociais são usadas pra impor um padrão estético e de comportamento nas pessoas... essa cobrança, às vezes inalcançável pode acabar abalando a nossa autoestima e saúde mental além de ignorar a história que cada corpo conta.

GEOVANA: Não dá para pensarmos em quem a gente quer ser se não olharmos para o passado, tanto as nossas memórias quanto a dos que vieram antes de nós são a base para querermos um mundo melhor!

[Música tema “Conexão Ancestral”: sequência melódica rítmica conduzida por um congo, trazendo uma influência afro-latina. Diferentes tons de percussão criam uma melodia instigante e profunda]

Bloco 3: Casa Tainã

KAUAN: Sobre isso, a Cida trouxe uma reflexão muito interessante:

CIDA: Pensar como que a gente faz uma tecnologia ancestral, pensando nessas tecnologias atuais, né?

GEOVANA: Dentre vários espaços e coletivos que a Cida participa, teve um lugar que realmente mudou sua forma de ver as tecnologias, a Casa de Cultura Tainã.

KAUAN: A Casa de Cultura Tainã é um quilombo urbano, uma entidade cultural e social sem fins lucrativos fundada em 1989 por TC Silva, dona Toninha e outros moradores da Vila Castelo Branco e outras regiões de Campinas. Hoje está localizada na Vila Padre Manoel de Nóbrega, ao lado da Praça dos Trabalhadores.

[tambores tocam em diferentes ritmos ao longo da fala de Cida, trazendo uma atmosfera leve e profunda]

CIDA: A Tainã existe há 35 anos. Então, é uma história que já tá sendo construída por nossos ancestrais vivos e os que também já fizeram a passagem há muitos anos já, né? Muitos anos antes mesmo de ser projetada nesse mundo. Então, é muito difícil falar em poucas palavras, né, em pouco tempo. Mas a Tainã, ela é um sonho, né? No final das contas, a Tainã é um sonho vivo acontecendo, né? Porque a gente pensa em sonho, a gente fala do sonhar às vezes como se fosse uma coisa muito abstrata, assim, como se fosse muito distante. Não, e os sonhos são vivos, eles estão acontecendo o tempo inteiro. Nós somos sonhos vivos dos nossos ancestrais, tá ligado? Então os sonhos, eles estão acontecendo e a gente tem que reaprender a sonhar, né? A Tainã é esse sonho vivo, né? Tanto que a Tainã, ela vem do nome Tainã vem do Guarani, que significa caminho das estrelas, que é justamente de você olhar, poder olhar, né? E poder sonhar com essas estrelas, com esse céu estrelado, né? Com esse futuro mesmo. Então, a Tainã já nasce com esse sonho que tem uma cosmo percepção afro-pindorâmica, né? E aí mobiliza muitas tecnologias, seja essas tecnologias ancestrais, seja essas tecnologias digitais. Essas coisas, elas não estão separadas, né? Então as tecnologias ancestrais, elas são articuladas com as tecnologias digitais.

KAUAN: Uma pessoa fundamental na história da Casa Tainã é o TC Silva, ele é um senhor nascido aqui em Campinas, músico, e é uma pessoa importante para o movimento negro e pra cultura do Brasil e até mesmo do mundo. Ele foi articulador do Movimento Negro Unificado, lá na década de 70, fundou o Grupo de Teatro Evolução, fundou a Escola de Samba Rosa de Prata...

GEOVANA: Na Casa Tainã, ele também fundou a Orquestra Tambores de Aço [música tocada pela Orquestra Tambores de Aço], a Rede Mocambos, a Rota dos Baobás... Claro que todos esses projetos foram construídos com muitas mãos, pessoas importantes, o TC sempre fala que tiveram muitas mulheres importantes nessa história, como sua mãe, Geralda Silva, e outras senhoras que sonharam e lutaram junto às suas comunidades, como Laudelina de Campos e Maria Genny.

KAUAN: São muitas histórias, vale a pena você que tá nos ouvindo dar uma olhada no site taina.net.br, lá tem vários registros dessa longa caminhada. A Casa Tainã tem um cuidado especial com essas memórias, pois ela não salva de qualquer jeito, em qualquer nuvem, em

qualquer lugar da Internet... A Casa Tainã tem um Data center comunitário, tipo uma nuvem autônoma, que não pertence a nenhuma empresa tipo Google, Microsoft e tal.

GEOVANA: Lembra que no primeiro episódio nós conversamos sobre tecnologias ancestrais como a oralidade, a comunicação? As memórias são tecnologias ancestrais, mas a memória também é um conceito computacional. Memória é a capacidade de armazenar dados e informações.

KAUAN: Então a memória é uma tecnologia ancestral que faz funcionar as tecnologias digitais. A Casa Tainã, desde o início, já traz esse debate sobre as memórias e o direito à privacidade, porque a maioria das pessoas hoje em dia guarda suas memórias em armazenamentos de empresas que só querem lucrar [efeito sonoro que remete a dinheiro].

CIDA: A gente está hospedando as nossas memórias, as nossas fotos, os nossos vídeos com as pessoas que a gente ama, os nossos pensamentos, nossos sonhos, nesses espaços que não são espaços nossos, tá ligado? Então, como que essas empresas, elas têm acesso a essas coisas que são tão íntimas e tão ancestrais também para a gente? E o que que elas fazem com isso? Elas transformam tudo isso num processo de mercantil, né, de venda. Então isso é muito perigoso porque a gente perde a noção de um processo que é nosso, né? De uma coisa que é muito importante para nós.

KAUAN: A nossa existência não cabe dentro de uma máquina, é como o TC diz em uma entrevista que nós lemos, sabe?

GEOVANA: Um dos temas que a gente se interessou e perguntou mais pra Cida foi sobre os softwares livres e Data centers comunitários que tem lá na Tainã.

CIDA: Então dentro da Tainã a gente discute muito, muito, muito isso e aí assim a gente começou a desenvolver nossas próprias plataformas. Então hoje em dia a gente não depende da Google ou da Microsoft para nada assim.

[Música tema “Conexão Ancestral”: sequência melódica rítmica conduzida por um congo, trazendo uma influência afro-latina. Diferentes tons de percussão criam uma melodia instigante e profunda]

KAUAN: Lembra que a gente fez uma charada no início sobre os softwares livres? Então, bora retomar esse assunto. Se você aí ouviu o episódio #2 da nossa série, você sabe o que é um software, a parte lógica de um sistema de celular ou um aplicativo.

[Som do droid R2D2, personagem dos filmes Star Wars]

GEOVANA: No episódio #2 a gente deu o exemplo do TikTok, que tem um sistema de algoritmos que a gente não sabe como funciona, não conhece os códigos e não pode mudar nada, porque pertence a uma empresa privada, lembra?

KAUAN: Mas, imagina se a gente criasse uma rede social do zero e qualquer pessoa pudesse usar do jeito que quiser, estudar como os algoritmos da rede social funcionam, modificar os algoritmos e até compartilhar de graça com outras pessoas?

GEOVANA: Isso é bem legal! Porque o software livre não é apenas uma forma de programar e produzir tecnologia, é um movimento político e social que defende a liberdade, o acesso ao conhecimento e a colaboração, contra a lógica do lucro.

CIDA: Então os computadores, eles são todos de software livre, os nossos softwares também são todos de código aberto, justamente para, porque a gente quer ter domínio de como esses processos são feitos, né? E o código aberto é justamente isso. Então, você tem domínio de como aquela plataforma, ela foi feita, criada e você consegue modificar o código, você consegue ter acesso para onde seus dados estão indo.

KAUAN: Então quando falamos e fazemos softwares livres, estamos discutindo liberdades e soberania digital, ou seja, autonomia sobre nossas escolhas, nossos territórios e conhecimentos, né?

CIDA: Então, é isso, né? Então, a gente desenvolveu a nossa própria televisão, a gente tem a nossa própria TV que não depende de outros canais de TV, que são mercantis também. A gente tem o nosso próprio e-mail, a gente tem a nossa própria nuvem, a gente tem o nosso data center. E tudo isso é de forma descentralizada, né?

GEOVANA: Você sabe o que é um data center? [efeito sonoro de desenho animado que remete a uma pergunta ou dúvida] São uns computadores muito potentes que armazenam e processam grandes volumes de dados, como os de sites, aplicativos e serviços online [som

de vários computadores notificando e processando informações]. É tipo um “cérebro digital” que mantém a internet e as tecnologias funcionando 24 horas por dia.

KAUAN: A Casa Tainã têm o seu Data Center Comunitário e ali hospeda a Rede Mocambos, um projeto que se conecta com territórios quilombolas e indígenas pra trocar tecnologias e instalar computadores totalmente independentes, chamados de mucuas, onde essas comunidades podem guardar suas informações, memórias, sem depender das Big Techs. Se as comunidades quiserem, podem enviar suas memórias para o Data Center da Tainã pra terem um backup além do seu território, sabe?

CIDA: Então existe uma coisa chamada Rede Mocambos, que é uma rede de vários territórios negros, territórios quilombolas e territórios indígenas, que a gente faz esse processo de apropriação tecnológica mesmo.

KAUAN: Quando se instala esses computadores e as redes de internet independentes, a Casa Tainã também planta no território uma árvore muito importante para a história do povo negro, que é o Baobá.

CIDA: Baobá é essa grande árvore africana, né? Que é uma árvore ancestral. E é uma árvore que dura mais de 3.000 anos, né? Então a gente vai morrer, nascer, reencarnar, morrer, nascer e o baobá vai estar ali ainda. Precisa de uma comunidade inteira para abraçar um baobá. E quando a gente veio para cá através da, da escravização, da diáspora, os nossos povos, eles tinham que dar uma volta no baobá para deixar as memórias deles e poder fazer essa diáspora. Então, esse Baobá, ele tem essa essa função de carregar nossas memórias, porque a gente vai plantar o Baobá ali e a gente vai partir desse plano, né? E ele, esse Baobá vai continuar carregando as nossas histórias.

[Música Baobá, de TC Silva, cantada em coro, com palmas e tambores:

Oba, oba-ba

Oba, ôba-ba, obá

Tô voltando pra casa com um pé de Baobá

Eu tô voltando pra casa com um Baobá]

CIDA: A mucua, ela é o fruto do aobá, tá ligado? As mucuas é o nome que também é dado pela gente para esses computadores que vão para esses territórios, né? Que vão fazer

parte dessa Rede Mocambos, né? Então essas mucuas, cada território tem sua mucua, que vai ser esse espaço de armazenamento dessas memórias.

[Música Baobá, de TC Silva, cantada em coro, com palmas e tambores:

Oba, oba-ba

Oba, ôba-ba, obá

Tô voltando pra casa com um pé de Baobá

Eu tô voltando pra casa com um Baobá]

CIDA: Então quando a gente vai trocar essa ideia sobre tecnologia, a gente também leva o Baobá, faz essa rota dos Baobás juntamente com essa rota tecnológica, né?

GEOVANA: As mucuas são o fruto do Baobá, assim como o computador é fruto da história ancestral do povo negro e africano. Tudo ganha significado. E assim, é criada a Rota dos Baobás, deixamos os links para esses sites na descrição do episódio.

CIDA: É isso, né? Você começa a criar uma rede que não necessariamente passa por essas grandes Big Techs, mas que também é mais do nosso jeito, sabe? Para mim, é um exemplo mais bonito que eu tenho assim também de tecnologias comunitárias.

GEOVANA: Realmente, é um exemplo muito bonito, poderoso e cheio de significados pra gente repensar as tecnologias, repensar as nossas redes e formas de se conectar.

KAUAN: Uma palavra que apareceu nesse episódio e também é poderosa é território [efeito sonoro de poder mágico]. A gente fala tanto de digital, nuvem, conexão, que às vezes parece que tá tudo voando. Mas todas as redes que a gente têm pertencem a algum território.

CIDA: Então, por exemplo, na Tainã a gente discute muito o processo territorial, né? Então, isso é uma pauta, porque a Tainã é um quilombo urbano. Então, existe essa pauta dentro dos territórios quilombolas, né? Que é territorializar a internet, territorializar esses espaços tecnológicos. Então, como a gente entende a tecnologia, os espaços tecnológicos, como territórios também que estão em disputa.

KAUAN: Na casa Tainã, plantar sementes na terra e criar conexões virtuais não são coisas separadas, mas andam juntas.

GEOVANA: Pensando nos nossos bairros e comunidades, ter sinal de internet é uma coisa importante, mas cuidar das áreas de lazer públicas e fazer hortas comunitárias é tão importante quanto.

CIDA: A gente se junta para pensar hortas comunitárias, então pensar essas tecnologias das hortas também, né? Então, os meninos da casa também tão projetando agora um negócio que chama roçambola, que é um mini computadorzinho assim, um computador meteorológico, ele detecta quais são o que que a terra está precisando. E aí a gente não precisa por exemplo ir lá regar a terra, nós manualmente, esse computador ele detecta o que a terra tá precisando e liga o sistema de irrigação, está ligado? Então, tipo, a terra vai se irrigando meio que nesse processo. Então a gente está usando as tecnologias também para nós, né.

[Música tema “Conexão Ancestral”: sequência melódica rítmica conduzida por um congo, trazendo uma influência afro-latina. Diferentes tons de percussão criam uma melodia instigante e profunda]

KAUAN: É através de projetos assim, voltados pra comunidade, que a gente pode potencializar territórios, né? Defender nossas memórias, plantar nossos sonhos, existir plenamente!

GEOVANA: Por fim, a Cida mandou uma ideia que nos deixou muito emocionadas e conectadas:

CIDA: É o passado, o presente e o futuro acontecendo ao mesmo tempo. Porque eu sou vocês antes, tá ligado? E provavelmente vocês também são eu agora e a gente é o TC do futuro, tá ligado? Então tudo está convivendo ao mesmo tempo, gratidão mesmo pelo corre.

GEOVANA: Essa energia potencial que a Cida fala é a essência do virtual [efeito sonoro de poder mágico], é tudo que somos e podemos ser ao mesmo tempo!

KAUAN: Virtual então pode ser mais um poder que a gente rastreou nessa série [efeito sonoro de poder mágico]!

GEOVANA: É, nós rastreamos muitos poderes mesmo. Nos tornamos invisíveis como os algoritmos [efeito sonoro de poder mágico], depois ficamos tão pequenos para caber dentro de um microchip [efeito sonoro de poder mágico].

KAUAN: A gente fez várias simulações e brincadeiras [efeito sonoro de poder mágico e tecnológico], entramos em máquinas do tempo [efeito sonoro de poder mágico e tecnológico] e em aceleradores de partículas [efeito sonoro de poder mágico e tecnológico]...

[Música tema “Conexão Ancestral”: trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas.]

GEOVANA: E o mais importante, compartilhamos tudo com você que tá nos ouvindo. Afinal, conhecimento e afeto é pra ser compartilhado, né? Diz aí, mesmo de forma digital, você sentiu os poderes chegando no seu território, no seu corpo [efeito sonoro de desenho animado que remete a pergunta ou dúvida]?

KAUAN: Use e compartilhe esses poderes tecnológicos, vamos hackeando conexões pra criar um território digital livre.

GEOVANA: A série Conexão foi produzida pela pesquisa “Acessos e usos da internet por adolescentes”, vinculada ao Labjor da Unicamp, com apoio do Programa de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio. Participaram do projeto e apresentaram os episódios: Geovana Luna dos Santos, Kauan Alves da Silveira Aristides, Raylane Souza, Samara Lopes de Oliveira e Veronica Martins Da Silva. A Irene do Planalto Chemin fez a coordenação da série. A Daniela Mânica, Clarissa Reche e Fernanda Mariá colaboraram na produção. Agradecemos à todas elas. Você pode acessar mais informações em: mundareu.labjor.unicamp.br